Helena Bocayuva[1]

Não sou qualificada para falar sobre uma pretensa sociedade humana, sem hierarquia de gênero ...algo que seria a-histórico. Posso lembrar o que disse a respeito o sociólogo Pierre Bourdieu(1930-2002)[2] num de seus famosos texto sobre a dominação masculina:
"(...) se há uma relativa invariância desde Bloomsbury (está se referindo à Inglaterra e às narrativas de Virginia Woolf)até os camponeses kabyles (primeiros habitantes do Norte da África)é que existe uma certa constância das estruturas simbólicas sobre as quais repousam nossa representação da divisão de trabalho entre os sexos. E se tal constância é atestada isto coloca a questão das relações sociais que a tornam possível. Dito de outra forma, o que existe de específico dentro da lógica do simbólico da qual faz parte a representação da oposição masculino/feminino para que a despeito das mudanças econômicas e tecnológicas, entre outras, semelhanças tão profundas possam se perpetuar entre estágios tão diferentes da sociedade". (Bourdieu, 1996, 29)

Assim, tentando guardar o foco na tal "lógica do simbólico", tenho me dedicado a pensar as narrativas que de certa forma fundam o Brasil enfatizando os antagonismos de gênero e a sexualidade. Os textos de Gilberto Freyre (1900-1987) que lançam uma interpretação vigorosa sobre a cultura brasileira e romances do século XIX, falo de José de Alencar(1828-1870), Aluísio de Azevedo(1857-1913), Lima Barreto(1881-1912) e Machado de Assis(1839-1908) -desenham contornos bem díspares do feminino e masculino. Ao articular os romances citados com os textos da psiquiatria vigente ressalta-se a proximidade dos discursos contidos nos romances e os textos médicos. Lá e cá , as mulheres são descritas como "nervosas" , eles, como "hipocondríacos". Observando a literatura escolhida não se pode duvidar de construções históricas tais como as subjetividades feminina ou masculina. Desta forma, assinalo também que estou longe da crença numa essência que faria da vida algo muito chato.

Observa-se a produção de estereótipos . Como disse Gilberto Freyre, citando o sociólogo americano Parker, a "raça negra é a raça lady like", associando a inferioridade dos negros e a das mulheres.

É bem verdade que Gilberto Freyre escreveu em meados do século passado e Parker, José de Alencar, Lima Barreto, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis até antes dele. Mas pode-se ler nos jornais de hoje que, entre as famílias de mais baixa renda as mais pobres são aquelas chefiadas por mulheres morenas (não brancas).

Respondendo à sua terceira questão. Há que começar pela Revolução Francesa que em 1789 proclamou os direitos do cidadão. O filósofo italiano Agambem[3] chama atenção para

---

[1] Helena Bocayuva é Doutora em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ e autora de "Erotismo à brasileira, o excesso sexual no pensamento de Gilberto Freyre", Rio de Janeiro:Garamond, 2002 e "Sexualidade e gênero no imaginário brasileiro, metáforas do biopoder" Rio de Janeiro:REVAN, 2007.
[2] Bourdieu, Pierre-1996. "Novas reflexões sobre a dominação masculina" IN: Lopes, M. S et alli. Gênero e Saúde, Porto Alegre, Artes Médicas. Págs. 28-40-
[3] Agambem, G. 2002-Homo Sacer, O poder soberano e a vida nua. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte:Ed. UFMG.

a criação então de um recorte, ficcional desde o início , que superpõe a figura do ser humano e do cidadão. A ativista Olympe de Gourges passou à história por ter sido guilhotinada ao traduzir os direitos do homem para o feminino. Assim, as mulheres estavam excluídas dos "Direitos do Homem" e como se sabe o acesso a direitos políticos, como votar e ser votada aqui e em outras democracias representativas tem menos de cem anos.

Na pós modernidade o universal se estilhaça. As relações de trabalho tornam-se fluídas, momentâneas, efêmeras. Tudo é fragmentado e no mundo ocidental hoje, como mostra Loic Wacquant[4] a política pública mais abrangente é a carcerária: um número cada vez maior de pessoas nos EUA, na França e no Brasil[5] se encontra envolvida com o sistema prisional que absorve grande parte do orçamento antes dirigido às rubricas orçamentárias do estado de bem estar.

O acesso à escolaridade e à saúde, embora preceitos constitucionais, não são efetivamente garantidos a todos.

Afinando o foco sobre a sociedade brasileira e a nossa história cabe remeter ao que dizem os professores Gislene Neder e Gisálio Cerqueira[6] em "Os filhos da lei", ao comentar a longa vigência das Ordenações Filipinas, apenas substituídas pelo Código Civil em 1917. A leitura do artigo permite afirmar que os tentáculos do patriarcalismo não se extinguem com a promulgação da lei: " a extensão cultural e política do pátrio poder no Brasil afetou o encaminhamento das política públicas para a educação e a saúde republicanas[7]".(Neder, 2001)

---

[4] Wacquant, Loïc.2001. "Punir os pobres. A nova gestão da miséria nos EUA". Rio de Janeiro:Freitas Bastos.

[5] Ver Malaguti Batista, Vera e Batista, Nilo. IN: Discursos Sediciosos, crime, direito e sociedade, ano 11 números 15 e 16 , 1 e 2 semestres de 2007. Rio de Janeiro:Instituto Carioca de Criminologia/REVAN, 2007

[6] Neder, Gislene & Cerqueira Filho, Gisálio, 2001. "Os Filhos da Lei" IN: Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, ANPOCS, vol 16, n. 45.

[7] Bocayuva, Helena, 2007." Sexualidade e Gênero no Imaginário brasileiro, metáforas do biopoder", Rio de Janeiro:REVAN.